

EXCLUSIVO

Um novo muro em Berlim: o choque entre clubes judeus e árabes na capital do Euro 2024

BOLA DE BERLIM | 03.06.2024 ÀS 13H29



TIAGO CARRASCO

Muçulmanos e judeus conviviam pacificamente nos relvados de Berlim. Mas tudo mudou depois do ataque do Hamas a Israel e da resposta sangrenta em Gaza: um clube judeu teme atentados terroristas e os pró-palestinos queixam-se de falta de liberdade de expressão. O apoio incondicional da Alemanha a Israel desperta fantasmas do passado e lança preocupações para o futuro na cidade que vai acolher a final do Europeu. *Este é o quarto texto da 'Bola de Berlim', série de reportagens feitas nas regiões e cidades-sede do Euro 2024*





TIAGO CARRASCO
JORNALISTA

Estádio: Olympiastadion

Região: Berlim

O extremo-direito neerlandês, Anwar El-Ghazi, pode ter destruído precocemente a carreira, aos 28 anos; não por ter sofrido uma lesão grave, tão pouco por ter agredido um árbitro, mas porque expressou o seu apoio à Palestina no Instagram. “Isto não é uma guerra. Quando um lado corta ao outro a comida, a água e a luz, isso não é uma guerra. Quando um lado tem armas nucleares, isso não é uma guerra. Quando um lado é financiado por milhares de milhões de dólares, isso não é uma guerra. [...] Isto não é um conflito nem é uma guerra. Isto é genocídio e destruição massiva, a que estamos a assistir em direto”, escreveu o futebolista do Mainz, a 17 de outubro do ano passado, no começo da ofensiva israelita em Gaza. Acrescentou uma frase polémica: “Do rio até ao mar, a Palestina será livre.” Um mote bastante usado pelos ativistas pró-palestinos, mas que, para muitos judeus, tem conotações antissemitas, pois entendem que um Estado palestino que se estenda do rio Jordão até ao mar Mediterrâneo pressupõe a eliminação de Israel.

O clube, inicialmente, disse que El Ghazi tinha sido avisado e que “lamentava” o que tinha escrito. Mas o internacional dos Países Baixos, de ascendência marroquina, prontificou-se a desmentir o empregador: “Não me arrependo nem tenho nenhum remorso pela minha posição. Não me distancio do que disse nem do que acredito, hoje e até ao meu último suspiro, pela humanidade e pelos oprimidos”, escreveu, sublinhando que é contra o antissemitismo e a islamofobia. O Mainz suspendeu o seu contrato: “A administração enfatizou claramente a El Ghazi que exige aos seus empregados compromissos em relação aos valores do clube. Isto implica uma responsabilidade especial em relação ao Estado de Israel e ao povo judeu, relacionada com a história alemã, mas também com a história do clube e do seu cofundador judeu, Eugen Salomon”, justificou, em comunicado. El Ghazi, um jogador com passagens por emblemas poderosos como o Ajax ou o Aston Villa, continua desempregado.

Pela mesma altura, o jogador marroquino do Bayern de Munique, Noussair Mazraoui, publicou na sua conta uma simples mensagem: “A Palestina vencerá.” Foi o suficiente para provocar uma avalanche de apelos ao seu despedimento, algo que o Bayern conseguiu evitar, não sem uma nota a condenar a atitude do atleta. “Foi completamente inaceitável para alguém que devia respeitar a nossa sociedade”, diz à **Tribuna Expresso**, Alon Meyer, presidente do Makkabi Alemanha, uma plataforma que gere a ginástica e as modalidades desportivas das associações judaicas no país. “Ele não condenou o ataque terrorista do Hamas em nenhum momento, nem mencionou Israel - talvez porque não reconheça a sua existência? Quando se toma uma atitude unilateral e se deseja a vitória da Palestina, sem sequer precisar quem são os derrotados, é claramente uma posição antissemita. E o Bayern devia ter atuado em consonância com os valores do clube, que se orgulha de ser amigo do povo judeu”.

O peso pela responsabilidade no Holocausto – o genocídio mais metódico, industrializado e burocratizado de sempre, em que o regime nazi de Adolf Hitler assassinou cerca de seis milhões de judeus -, faz com que a defesa de Israel seja indiscutível para o governo alemão. Por isso, as autoridades de tudo fazem para que essa aliança permaneça inabalável. Inclusivamente, algumas ações exageradas.



Os alarmes contra a glorificação da violência do Hamas – cujo ataque, a 7 de outubro de 2023, matou cerca de 1200 israelitas e fez mais de 250 reféns – e a proliferação de *slogans* alegadamente antissemitas, levaram a polícia alemã a proibir manifestações de apoio à Palestina e a carregar contra os manifestantes noutras ocasiões. Nas universidades, empresas e institutos públicos, centenas de cidadãos denunciaram multas e despedimentos por terem condenado Israel pelo massacre de vidas inocentes em Gaza: segundo as autoridades locais, mais de 37 mil palestinianos morreram, metade deles mulheres e crianças.

Ainda mais surpreendentemente, as forças de segurança alemãs impediram a realização de um Congresso Palestino em Berlim, em abril último, banindo a entrada no país ao ex-ministro das finanças grego, Yannis Varoufakis, pelas suas posições alegadamente radicais contra Israel. No Festival de Cinema de Berlim, as críticas ao regime de Telavive expressadas por dois realizadores – um palestiniano e um israelita –, levaram o presidente da câmara da cidade, Kai Wegner, a condenar o “antissemitismo” e a pedir à organização da Berlinale para que a situação não se repita. A ministra Nancy Faeser apelou à “deportação imediata de todos os apoiantes do Hamas”. Muitos cidadãos queixam-se de violações sem precedentes à liberdade de expressão, justificadas à boleia da irrefutável ajuda da Alemanha aos esforços israelitas.

“Não é apenas a perda do emprego ou da matrícula na universidade que preocupa os ativistas”, diz N., 25 anos, membro da plataforma Palästina Spricht (Palestina Fala), que pede anonimato por receio de represálias. A estudante, filha de pai palestiniano e de mãe eslava, diz que a perseguição aos defensores da Palestina é muito maior do que se noticia. “O prolongamento das autorizações de residência a cidadãos imigrantes pode ser recusado caso ele apoie a Palestina. Também tivemos camaradas cujos telefones e computadores foram confiscados, as contas bancárias congeladas e as suas casas alvo de buscas policiais. Nunca pensei passar por isto na Alemanha e equaciono deixar o país quando terminar o meu mestrado.”

Youssef, um jogador de um pequeno clube na Baixa Saxónia (que também pediu à **Tribuna Expresso** para o seu apelido não ser referido), diz que a opressão aos apoiantes da Palestina é anterior aos acontecimentos em Gaza. “Quando jogava no Hertha 06, de Berlim, o nosso capitão foi impedido de usar uma braçadeira com as cores da bandeira da Palestina”, denuncia. “Disseram-lhe que era um apelo à violência contra judeus.”

O Hertha 06, clube presidido por um turco e com vários jogadores muçulmanos, acabou por colapsar devido aos problemas existentes a quase 4 mil quilómetros de distância, no Médio Oriente. Dois jogadores dos juniores foram castigados por fazerem saudações nazis e outros gestos intimidatórios durante a receção ao clube judeu TuS Makkabi Berlin, em 2022. O presidente, Ergün Cakir, saiu em defesa do seu filho, um dos castigados: “O meu filho vai odiar judeus até ao fim da sua vida”, disse, segundo o programa televisivo Sportschau, da ARD. O pequeno clube, da quinta divisão, não aguentaria as multas e a perda de patrocinadores, declarando falência na presente temporada.



EUFORIA E MEDO

Quando o TuS Makkabi Berlim se tornou no primeiro clube judeu a conquistar a Taça de Berlim e a apurar-se para a primeira eliminatória da Taça da Alemanha, na temporada 2022/23, viveram-se momentos de grande euforia nesta instituição fundada por sobreviventes do Holocausto. O Makkabi defrontou depois o histórico Wolfsburg, da primeira divisão, clube financiado pela Volkswagen, empresa que durante a era nazi explorou prisioneiros judeus. Perdeu por 6-0, mas nem o resultado, nem o passado cruel, conseguiram abalar o ânimo dos seus apoiantes. “Se os nazis pudessem saber que um clube judeu estava na Taça da Alemanha, até davam voltas na campa”, disse Marian Wajselfisz, 86 anos, um dos cofundadores do clube, que sobreviveu ao genocídio porque um casal polaco escondeu a sua família numa cave ao longo de dois anos. “Sempre que penso nessa vitória, até fico arrepiado”, reforça Alon Meyer. “Foi um feito sem precedentes para o desporto hebraico na Alemanha.”

Um ano depois, o Makkabi está prestes a repetir a proeza. Na meia-final da taça local, vence por 3-1 no terreno do Sparta Lichtemberg, para desalento dos quase dois mil espetadores que enchem o terreno da equipa do Leste de Berlim. Assim que o árbitro apita para o final da partida, os adeptos da equipa que leva a Estrela de David ao peito e os familiares dos jogadores invadem o campo; há abraços comovidos, braços no ar e sorrisos abertos na foto de grupo. Porém, há também um peso insuportável que faz com que a euforia não seja desmesurada como no ano anterior: o jogo está rodeado por apertadas medidas de segurança e há até agentes destacados para proteger individualmente algumas personalidades do clube, de modo a travar potenciais ataques contra a equipa.

“Há um antes e depois do atentado de 7 de outubro”, diz Rován Max, 16 anos, jogador da formação do Makkabi e líder dos adeptos. O jovem futebolista diz que é nas partidas dos mais jovens, mais do que nas dos seniores, que se registam mais insultos e agressões. “Tornou-se tão assustador que tivemos de parar de competir durante mais de um mês. Regressámos com segurança reforçada e recebemos a compreensão de muitas equipas, mas há sempre adversários ou espetadores rivais que se mostram muito zangados, e que nos insultam ou tentam bater.”

Max afirma que a maioria das ameaças vem de jovens de origem árabe a jogar em clubes de bairros com forte representatividade islâmica, como Kreuzberg, Neukölln ou Wedding, mas também de alemães ligados à extrema-



São frases que permanecem cravadas como flechas na memória. Wajselfisz nunca se esqueceu, por exemplo, do que ouviu da boca de um adepto do Tennis Borussia, após um empate sem golos numa partida disputada em 1983: “Se os judeus tivessem lutado contra o Hitler como lutaram contra nós, teriam sobrado mais alguns.” O sobrevivente do Holocausto optou, a certa altura, por ignorar tais ofensas: “Não quero continuar eternamente a desempenhar o papel de vítima”, afirma.



A equipa do Makkabi Berlim. JESSICA BRAUNER/GETTY

É impossível desligar o TuS Makkabi da sua história de sofrimento e morte. O clube é o sucessor do Bar Kochba Berlim, fundado em 1898, para promover a participação desportiva dos judeus. “Havia, no final do século XIX, bastantes sentimentos antissemitas na sociedade europeia, pelo que os judeus eram impedidos de praticar desporto nas associações convencionais”, explica Meyer. “Por isso é que se criaram clubes como o Bar Kocha.”

Em 1929, tinha 1600 atletas e era a maior das 53 associações sionistas na Prússia. Contudo, assim que ascendeu ao poder, em 1933, o partido nazi iniciou a perseguição aos judeus. Bernhard Rost, o ministro da educação, ordenou, a 2 de junho desse ano, a expulsão imediata de judeus de qualquer organização juvenil ou clube desportivo: “Membros de raça judia e pessoas que tenham aderido a ideais marxistas, são consideradas inaceitáveis”, escreveu, em comunicado, a Federação Alemã de Futebol (DFB), nas páginas da Kicker, uma histórica revista de futebol, ironicamente criada por um judeu.

Entre 1934 e 1938, o Bar Kocha ainda foi autorizado a competir contra outros clubes hebraicos, mas, depois, os judeus começaram a perceber que o desporto se tornara a última das suas preocupações. A prioridade era a sobrevivência; a maioria dos futebolistas do clube de Berlim aproveitou uma digressão ao Médio Oriente, para jogar partidas amigáveis com outros judeus da região, e nunca mais regressou à Alemanha. Essa decisão salvou-lhes a vida.



treinadores e funcionários de etnia judaica, Hirsch decidiu permanecer na sua cidade natal, esperando que o seu estatuto o livrasse da “solução final”. Acabaria por ser assassinado em Auschwitz.

Apenas em 1970, Wajselfisz e outros sobreviventes do Holocausto decidiram reativar o clube judeu que permanecera encerrado por mais de três décadas. Batizaram-no Turn und Sportverein (TuS) Makkabi Berlin, com secções de boxe, ténis de mesa, natação, vela e futebol. Com uma identidade judaica – embora aberto a todas as confissões e etnias -, o Makkabi militou sempre nos escalões mais baixos, até que, com o apoio de patrocinadores e donativos, começou a escalar na hierarquia do futebol alemão. “Temos orgulho e respeito pela nossa história, principalmente pelo período mais sombrio, mas somos um grupo aberto a todas as nacionalidades, com quem queremos aprender ao mesmo tempo que lhes mostramos a nossa cultura”, diz, à **Tribuna Expresso**, Michael Koblenz, diretor-desportivo do finalista da Taça de Berlim.

Foram precisamente os jogadores de outras proveniências que mais estranharam as medidas de segurança após o ataque do Hamas. “Como judeu na Alemanha, não tive nada que não conhecesse já. Desde a escola que vivo debaixo de proteção policial, tal como qualquer entidade judaica neste país”, disse, à Associated Press, o capitão Doron Bruck, único judeu no onze inicial do Makkabi. “Já para os que não são judeus, ter segurança foi novidade. Perguntaram-se se precisavam de se preocupar, quão grave era a situação. Acredito que isto afetou a equipa. Teve impacto na temporada inteira.”

Alguns tentaram mesmo sair da equipa. Os muçulmanos, por exemplo, ficaram a saber que as suas famílias, nos países de origem, sofreram assédio por terem um parente a jogar num clube judeu da Alemanha. Toda essa pressão acabou por desabar em grande: o Makkabi foi derrotado por 3-0 contra o Viktoria Berlim, perdendo assim a possibilidade de revalidar o título e de jogar novamente na Taça da Alemanha da próxima época.





UM PROBLEMA EM MAOS

A Praça Wittenberg, na zona nobre de Berlim, está rodeada por bandeiras de Israel e da Alemanha, bem como por elementos das forças especiais da polícia. Decorre uma campanha da Comunidade Judaica de Berlim (CJB) para angariar apoios e donativos para as famílias dos reféns israelitas ainda nas mãos do Hamas, em Gaza. Há bancas de comida kosher e uma roda de Harkadá, uma dança tradicional israelita. “Quando sair daqui e for para casa, em Kreuzberg, tenho de esconder este boné e esta bandeira de Israel, porque, se me apanharem, levo porrada de certeza”, diz Stefan P., de 63 anos, um dos cerca de 30 mil judeus a residir na capital alemã. O empresário diz-se “chocado” com tudo aquilo que tem visto recentemente. “Até pintaram a Estrela de David nos prédios em que vivem judeus, como fizeram os nazis há 80 anos. Este país é o último em que uma coisa dessas podia repetir-se. Perderam a vergonha, foi?”.

O número de ataques antissemitas disparou nas semanas subsequentes à invasão de Gaza, baixando nos últimos meses. Todavia, Sigmound Königsberg, comissário contra o antissemitismo da CBJ, manifesta apreensão quanto à violência dos mesmos: “Passou-se dos insultos para a violência física, com agressões bárbaras que acabam no hospital. Também há consequências psicológicas. Noto muitas pessoas a esconderem serem judias, para evitarem problemas”, conta à **Tribuna Expresso**.

Confrontado com as críticas de milhares de alemães – que alegam que a acusação de antissemitismo é usada pelos judeus do país de uma forma demasiado vasta e imprecisa -, Königsberg define as linhas vermelhas: “Claro que se pode criticar o governo de Israel, nós também o fazemos. Mas quando se ouve ‘do rio até ao mar, a Palestina será livre’, isso não tem nada a ver com uma crítica ao governo. O que se exige é a expulsão dos judeus de Israel”, afirma. “É a rejeição da colonização sionista daquele território, ou seja, o não reconhecimento da existência de Israel. Não aceitar Israel é antissemitismo. E o que nós dizemos é que esse limite tem sido transposto vezes sem conta.”

O comissário está convencido de que o espírito antissemita nunca deixou de estar enraizado no coração da Europa, e que os aspetos políticos são usados pelos inimigos dos judeus apenas como desculpa para a materialização do seu ódio. “As ações do governo israelita – boas ou más -, são sempre um pretexto para o antissemitismo, não o motivo. A verdadeira razão do ataque às comunidades judaicas é o preconceito, que faz parte do ADN da cultura europeia”, defende.

Cada vez mais alemães discordam. Nas manifestações do passado 1.º de Maio, ocasião para o desfile da esquerda alemã, dezenas de milhares de manifestantes fizeram da causa palestiniana protagonista da jornada de protestos. “Basta! Não podemos continuar a pactuar com um governo alemão cúmplice do assassinato de milhares de crianças. Exigimos o cessar-fogo e que a Alemanha reconheça a Palestina enquanto país”, diz Martha Banach, uma manifestante de 32 anos, antes de uma bomba de fumo rebentar ao seu lado e ter de fugir da confusão.



TIAGO CARRASCO

De rosto coberto por passa-montanhas, ou escondidos atrás de guarda-chuvas ou cartazes – evitando, assim, serem identificados pelas autoridades –, os revoltosos empunham bandeiras palestinas e inscrições contra a conivência do executivo alemão em relação a um potencial genocídio em Gaza.

Protestos desta índole foram repudiados pelos governantes alemães nos primórdios do conflito. O chanceler Olaf Scholz foi mesmo um dos primeiros líderes ocidentais a visitar o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, poucos dias depois do atentado: “A Alemanha só tem um caminho. E esse caminho é ao lado de Israel”, afirmou.

Contudo, à medida que a ofensiva israelita em Gaza derramava cada vez mais sangue inocente, com várias investigações independentes a apontarem para a prática de crimes de guerra, os líderes germânicos foram ficando cada vez mais desconfortáveis na sua aliança com Telavive. Quando a África do Sul acusou Israel de genocídio no Tribunal Penal Internacional (TPI), e a Alemanha decidiu acorrer em defesa do seu aliado, a situação tornou-se ainda mais incómoda; para além de ser o segundo maior fornecedor de armas a Israel (depois dos EUA), os governantes alemães consideram o apoio a Telavive uma Staatsräson, ou seja, uma condição basilar do Estado, como método vitalício de assumir a responsabilidade e o remorso pelo Holocausto.

No passado mês de março, numa nova visita a Israel, Scholz mudou de tom perante as atrocidades documentadas em Gaza: “Independentemente da importância do objetivo, poderá isso justificar custos tão terrivelmente elevados?”, questionou.

Thorsten Benner, diretor do Instituto de Políticas Públicas Globais, acredita que, criada a ideia de ter dado “carta branca” a Netanyahu para perseguir o Hamas sem olhar a danos colaterais, a Alemanha se arrisca a ser arrastada para uma situação melindrosa. “Caso se prove o uso de bombas ou munições alemãs em crimes de guerra, é sem dúvida algo bastante perturbador”, afirma. “A Alemanha é simultaneamente um dos maiores fornecedores de



O analista político, um dos conselheiros da ministra dos Negócios Estrangeiros, Annalena Baerbock, consegue ver, desde já, as consequências problemáticas na diplomacia internacional. “Perde-se a relação de confiança com os segmentos pró-democráticos de nações fora do ocidente, com quem historicamente as nossas instituições culturais e as fundações políticas mantinham laços estreitos. Eles acham-nos hipócritas por pregarmos a democracia e os direitos humanos, enquanto apoiamos uma campanha manchada por crimes de guerra, ou potencialmente de genocídio”, avisa, acrescentando danos igualmente impactantes nas relações com os líderes “cínicos” do mundo árabe. “Vão poder dizer-nos para nos calarmos com os temas de direitos humanos, alegando que deixámos de ter moral para o fazer.”

Marcada pelo extermínio de milhões de judeus, residência da maior diáspora palestina na Europa, Berlim sabia que qualquer fogo no Médio Oriente se iria alastrar para dentro dos seus domínios. A contenda polariza a cidade, criando um novo muro, desta vez metafísico, entre os indefetíveis defensores de Israel e os apoiantes da Palestina.

Em Kreuzberg, Adnan Tuç, de 47 anos, enche os olhos de pavor quando ouve falar de Gaza. É presidente do Berlin Hilalspor, um clube fundado em 1987 por imigrantes turcos e composto principalmente por jogadores desse país e de outras nações de maioria islâmica. “Política e guerras não entram por esta porta”, atira, recordando que foi precisamente para afastar os jovens do extremismo religioso e político, bem como da marginalidade, que o clube nasceu. “Deixámos os nossos países de origem por causa dessas coisas. Não deixo ninguém falar de Gaza. Aqui é para nos divertirmos a jogar futebol, todos, judeus, alemães, muçulmanos, portugueses, não me importa. Deixamos a guerra para os que dela tiram proveito.”



RELACIONADOS

BOLA DE BERLIM

EXCLUSIVO

Golo? Golo diz-se “Tor”: os 60 anos da emigração portuguesa na Alemanha do Euro 2024



BOLA DE BERLIM

EXCLUSIVO

Mais verde que a relva: a luta de uma região do Euro 2024 por um futebol ecológico



BOLA DE BERLIM

EXCLUSIVO

Euro 2024: a Baviera de pitões afiados contra a recessão



VEJA TAMBÉM



Experimente o primeiro BMW i5 Touring, 100% Elétrico.

BMW

Saiba Mais

Carcavelos : Um site de encontros para pessoas com mais de 40 anos que realmente funciona!

Namoro em Portugal

O novo Nissan Juke desafia o convencionalismo.

Nissan

Saiba Mais

Assuma o controlo da sua empresa com o software de faturação da Sage

SAGE

A maioria dos usuários de PC com Windows não sabia disso (Faça agora).

Outbyte Driver Updater

Príncipe Harry revela por que nunca ouvimos falar muito de sua irmã

Trendscatchers



MAIS ARTIGOS